

The background of the cover is a solid orange color. Overlaid on this are faint, light-colored line drawings of archaeological site plans. These plans show various structures, walls, and courtyards, typical of ancient or medieval settlements. A prominent white curved line, resembling a stylized 'C' or a section of a circle, cuts across the middle of the cover, separating the title area from the lower part of the map.

ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

2023 – Estado da Questão



ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, César Neves e Andrea Martins
Design gráfico e paginação: Paulo Freitas

ISBN: 978-972-9451-98-0

Edição: Associação dos Arqueólogos Portugueses, CEAACP, CEIS2o e IA-FLUC
Lisboa, 2023

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Desenho de capa:

Planta das ruínas de Conímbriga. © Museu Nacional de Conímbriga



Apoio Institucional:



Índice

- 15 Prefácio
José Morais Arnaud

1. Pré-História

- 19 O potencial informativo dos *Large Cutting Tools*: o caso de estudo da estação paleolítica do Casal do Azemel (Leiria, Portugal)
Carlos Ferreira / João Pedro Cunha-Ribeiro / Eduardo Méndez-Quintas
- 33 PaleoTejo – Uma rede de trabalho para a investigação e para o património relacionado com os Neandertais e pré-Neandertais
Telmo Pereira / Luís Raposo / Silvério Figueiredo / Pedro Proença e Cunha / João Caninas / Francisco Henriques / Luiz Oosterbeek / Pierluigi Rosina / João Pedro Cunha-Ribeiro / Cristiana Ferreira / Nelson J. Almeida / António Martins / Margarida Salvador / Fernanda Sousa / Carlos Ferreira / Vânia Pirata / Sara Garcês / Hugo Gomes
- 45 A indústria lítica de malhadinhas e o seu enquadramento no património acheulense do vale do Tejo
Vânia Pirata / Telmo Pereira / José António Pereira
- 61 O Abrigo do Lagar Velho revisitado
Ana Cristina Araújo / Ana Maria Costa / Montserrat Sanz / Armando Lucena / Joan Daura
- 75 Contributo para o conhecimento das indústrias líticas pré-históricas do litoral de Esposende (NW de Portugal)
Sérgio Monteiro-Rodrigues
- 95 À volta da fogueira na pré-história: análise às estruturas de combustão do Sul de Portugal – a Praia do Malhão (Odemira)
Ana Rosa
- 105 O projecto LandCraft. A intervenção arqueológica no abrigo das Lapas Cabreiras
João Muralha Cardoso / Mário Reis / Bárbara Carvalho / Lara Bacelar Alves
- 119 A ocupação pré-histórica de Monte Novo: local de culto e de habitat
Mário Monteiro / Anabela Joaquineto
- 135 A formalização de espaços públicos durante o Calcolítico no Alto Douro Português: as Grandes Estruturas Circulares do Castanheiro do Vento (V. N. de Foz Côa)
Ana Vale / João Muralha Cardoso / Sérgio Gomes / Vítor Oliveira Jorge
- 149 Em busca da colecção perdida (1): Vila Nova de São Pedro no Museu Municipal de Vila Franca de Xira
César Neves / José Morais Arnaud / Andrea Martins / Mariana Diniz
- 167 De casa em casa: novos dados sobre o sítio pré-histórico do Rio Seco/Boa-Hora (Ajuda, Lisboa)
Regis Barbosa
- 179 Um contributo para o estudo das Pontas Palmela das «Grutas de Alcobaça»
Michelle Teixeira Santos / Cátia Delicado / Isabel Costeira
- 195 Monte da Ponte (Évora): Um cruzamento entre o positivo e o negativo?
Inês Ribeiro
- 203 Peças antropomórficas da necrópole megalítica de Alto de Madorras. Abordagem preliminar ao seu estudo e valorização no âmbito do Projecto TSF – Murça
Maria de Jesus Sanches / Maria Helena Barbosa / Nuno Ramos / Joana Castro Teixeira / Miguel Almeida

- 219 Apontamentos sobre o monumento megalítico da Bouça da Mó 2, Balugães, Barcelos (Noroeste de Portugal)
Luciano Miguel Matos Vilas Boas
- 227 A Mamoa 1 do Crasto, Vale de Cambra. Um monumento singular
Pedro Manuel Sobral de Carvalho
- 241 À conversa com os ossos: População do Neolítico Final/Calcolítico da Lapa da Bugalheira, Torres Novas
Helena Gomes, Filipa Rodrigues, Ana Maria Silva
- 253 Dos ossos, cacos, pedras e terra à leitura detalhada das práticas funerárias no 3º milénio a.C.: o caso do Hipogeu I do Monte do Carrascal 2 (Ferreira do Alentejo, Beja)
Maria João Neves
- 267 Os sepulcros da Pré-História recente da Quinta dos Poços (Lagoa): contextos e cronologias
António Carlos Valera / Lucy Shaw Evangelista / Catarina Furtado / Francisco Correia
- 285 Quinta dos Poços (Lagoa): Dados biológicos e práticas funerárias dos Sepulcros da Pré-História Recente
Lucy Shaw Evangelista / Eduarda Silva / Sofia Nogueira / António Carlos Valera / Catarina Furtado / Francisco Correia
- 299 Everything everywhere? Definitely not all at once. Uma aproximação inicial às práticas de processamento de macrofaunas da Pré-História recente do Centro e Sul de Portugal
Nelson J. Almeida / Catarina Guinot / António Diniz
- 313 Um sítio, duas paisagens: a exploração de recursos vegetais durante o Mesolítico e a Idade do Bronze na Foz do Medal (Baixo Sabor, Nordeste de Portugal)
João Pedro Tereso / María Martín Seijo / Rita Gaspar
- 327 Análise isotópica estável ($\Delta^{13}C$) em sedimentos de sítios arqueológicos
Virgínia Lattao / Sara Garcês / Hugo Gomes / Maria Helena Henriques / Elena Marrocchino / Pierluigi Rosina / Carmela Vaccaro
- 333 Sobre a presença de sílex na Praia das Maças (Sintra)
Patrícia Jordão / Nuno Pimentel
- 345 Lost & Found. Resultados dos trabalhos de prospecção arqueológica realizados no vale do Carvalhal de Aljubarrota (Alcobaça, Leiria)
Cátia Delicado / Leandro Borges / João Monte / Bárbara Espírito Santo / Jorge Lopes / Inês Sofia Silva
- 357 Análise dos padrões de localização das grutas arqueológicas da Arrábida
João Varela / Nuno Bicho / Célia Gonçalves
- 365 Novos testemunhos de ocupação pré-histórica na área da ribeira de Santa Margarida (Alto Alentejo): notícia preliminar
Ana Cristina Ribeiro

2. Proto-História

- 377 Dinâmicas de Povoamento durante a Idade do Bronze no Centro da Estremadura Portuguesa: O Litoral Atlântico Entre as Serras d'Aires e Candeeiros e de Montejunto
Pedro A. Caria
- 389 Novos dados sobre os povoados do Bronze Final dos Castelos (Beja) e Laço (Serpa) no âmbito do Projeto Odyssey. Contributos a partir de um levantamento drone-LiDAR
Miguel Serra / João Fonte / Tiago do Pereiro / Rita Dias / João Hipólito / António Neves / Luís Gonçalves Seco
- 401 Metais do Bronze Final no Ocidente Ibérico. O caso dos machados de alvado a sul do rio Tejo
Marta Gomes / Carlo Bottaini / Miguel Serra / Raquel Vilaça
- 411 Dois Sítios, um ponto de situação. Primeiros resultados dos trabalhos nos Castros de Ul e Recarei em 2022
João Tiago Tavares / Adriaan de Man

- 425 Reflexões acerca dos aspetos técnicos e tecnológicos dos artefactos de ferro do Bronze Final / Ferro Inicial no território português
Pedro Baptista / Ralph Araque Gonzalez / Bastian Asmus / Alexander Richter
- 439 Resumo de resultados do projeto IberianTin (2018-22) e resultados iniciais do projeto Gold. PT (2023-)
Elin Figueiredo / João Fonte / Emmanuelle Meunier / Sofia Serrano / Alexandra Rodrigues
- 451 À volta da Pedra Formosa. Estudo do Balneário Este da Citânia de Briteiros
Gonçalo Cruz
- 463 Intercâmbio no primeiro milénio A.C., no litoral, entre os estuários dos rios Cávado e Ave
Nuno Oliveira
- 481 Castro de Guifões: elementos para a reconstituição paleogeográfica e compreensão da ocupação antiga do sítio
Andreia Arezes / Miguel Almeida / Alberto Gomes / José Varela / Nuno Ramos / André Ferreira / Manuel Sá
- 493 O Castro da Madalena (Vila Nova de Gaia) no quadro da ocupação proto-histórica da margem esquerda do Douro
Edite Martins de Sá / António Manuel S.P. Silva
- 507 Uma cabana com vista para o rio, no Sabugal da Idade do Ferro
Inês Soares / Paulo Pernadas / Marcos Osório
- 519 Cerca do Castelo de Chão do Trigo (S. Pedro do Esteval, Proença-a-Nova): resultados de três campanhas de escavações (2017-2019)
Paulo Félix
- 533 Instrumentos e artes de pesca no sítio proto-histórico de Santa Olaia (Figueira da Foz)
Sara Almeida / Raquel Vilaça / Isabel Pereira
- 549 Sobre a influência da cerâmica grega nas produções de cerâmica cinzenta do estuário do Tejo: um vaso emblemático encontrado nas escavações arqueológicas do Largo de Santa Cruz (Lisboa)
Elisa de Sousa / Sandra Guerra / João Pimenta / Roshan Paladugu
- 563 *To buy fine things*: trabalhos e perspectivas recentes sobre o consumo de importações mediterrâneas no Sul de Portugal durante o I milénio a.n.e.
Francisco B. Gomes
- 575 Arquitecturas orientais em terra na fronteira atlântica: novas abordagens do Projecto #BuildinginNewLands
Marta Lorenzon / Benjamín Cutillas-Victoria / Elisa Sousa / Ana Olaio / Sara Almeida / Sandra Guerra
- 585 Frutos, cultivos e madeira no Castro de Alvarelhos: a arqueobotânica do projeto CAESAR
Catarina Sousa / Filipe Vaz / Daniela Ferreira / Rui Morais / Rui Centeno / João Tereso

3. Antiguidade Clássica e Tardia

- 599 A propósito de machados polidos encontrados em sítios romanos do território português e a crença antiga nas “pedras de raio”
Fernando Coimbra
- 611 Unidades Organizativas e Povoamento no Extremo Ocidental da *Civitas* Norte-Lusitana dos *interannienses*: um ensaio
Armando Redentor / Alexandre Canha
- 625 As Termas Romanas da Quinta do Ervedal (Castelo Novo, Fundão)
Joana Bizarro
- 633 Paisagem rural, paisagem local: os primeiros resultados arqueológicos e arqueobotânicos do sítio da Terra Grande (*civitas Igaeditanorum*)
Sofia Lacerda / Filipe Vaz / Cláudia Oliveira / Luís Seabra / João Tereso / Ricardo Costeira da Silva / Pedro C. Carvalho

- 649 Recontextualização dos vestígios arqueológicos do *forum* de Coimbra. Uma leitura a partir da comparação tipo-morfológica
Pedro Vasco de Melo Martins
- 665 Sítio do Antigo (Torre de Vilela, Coimbra): uma possível *villa* suburbana de *Aeminium*
Rúben Mendes / Raquel Santos / Carmen Pereira / Ricardo Costeira da Silva
- 679 A fachada norte da Casa dos Repuxos (Conímbriga): resultados das campanhas de 2021 e 2022
Ricardo Costeira da Silva / José Ruivo / Vítor Dias
- 693 Intervenções Arqueológicas em Condeixa-a-Velha no âmbito das acções do Movimento para a Promoção da Candidatura de Conímbriga a Património Mundial da Unesco
Pedro Peça / Miguel Pessoa / Pedro Sales / João Duarte / José Carvalho / Fernando Figueiredo / Flávio Simões
- 707 O sítio arqueológico de São Simão, Penela
Sónia Vicente / Flávio Simões / Ana Luísa Mendes
- 723 O sítio arqueológico da Telhada (Vermoil, Pombal)
Patrícia Brum / Mariana Nabais / Margarida Figueiredo / João Pedro Bernardes
- 731 *Górgona* – um *corpus* de *opus sectile* na Lusitânia
Carolina Grilo / Lídia Fernandes / Patrícia Brum
- 741 *Villa* romana da Herdade das Argamassas. Delta, motivo de inspiração secular. Do mosaico ao café
Vítor Dias / Joaquim Carvalho / Cornelius Meyer
- 755 A Antiguidade Tardia no Vale do Douro: o exemplo de Trás do Castelo (Vale de Mir, Pegarinhos, Alijó)
Tony Silvino / Pedro Pereira / Rodolphe Nicot / Laudine Robin / Yannick Teyssonneyre
- 771 A Arqueologia Urbana em Braga: oportunidades e desafios. O caso de estudo da rua Nossa Senhora do Leite, n.º 8/10
Fernanda Magalhães / Luís Silva / Letícia Ruela / Diego Machado / Lara Fernandes / Eduardo Alves / Manuela Martins / Maria do Carmo Ribeiro
- 785 Balneário romano de São Vicente (Penafiel): projeto de revisão das estruturas construídas e do contexto histórico-arqueológico do sítio
Silvia González Soutelo / Teresa Soeiro / Juan Diego Carmona Barrero / Jorge Sampaio / Helena Bernardo / Claus Seara Erwelein
- 801 Um contexto cerâmico tardo-antigo da Casa do Infante (Porto)
João Luís Veloso / Paulo Dordio Gomes / Ricardo Teixeira / António Manuel S. P. Silva
- 815 Trabalhos arqueológicos no Patarinho (Santa Comba Dão, Viseu): caracterização de uma pequena área de produção vinícola no vale do Dão em época alto-imperial
Pedro Matos / João Losada
- 831 Sobre a ocupação tardia da *villa* da Quinta da Bolacha – estudo de um contexto de ocupação da casa romana
Vanessa Dias / Gisela Encarnação / João Tereso
- 843 Os materiais do sítio romano de Eira Velha (Miranda do Corvo) como índice cronológico das suas fases de construção
Inês Rasteiro / Ricardo Costeira da Silva / Rui Ramos / Inês Simão
- 859 Cerâmica de importação em *Talabriga* (Cabeço do Vouga, Águeda)
Diana Marques / Ricardo Costeira da Silva
- 873 Revisão dos objetos ponderais recuperados na antiga *Conimbriga* (Condeixa-a-Nova, Coimbra)
Diego Barrios Rodríguez / Cruces Blázquez Cerrato
- 885 O conjunto de pesos de tear do sítio romano de Almoínhas
Martim Lopes / Paulo Calaveiras / José Carlos Quaresma / Joel Santos

- 901 *A terra sigillata* e a cerâmica de cozinha africana na cidade de Lisboa no quadro do comércio do ocidente peninsular – O caso do edifício da antiga Sede do Banco de Portugal
Ana Beatriz Santos
- 915 Análise (im)possível dos espólios arqueológicos do sítio do Mascarro (Castelo de Vide, Portugal)
Sílvia Monteiro Ricardo
- 931 Reconstruindo a paisagem urbana de Braga desde a sua fundação até à cidade medieval: as ruas como objeto de estudo
Leticia Ruela / Fernanda Magalhães / Maria do Carmo Ribeiro
- 941 A dinâmica viária no vale do Rabagão: a via XVII e o contributo dos itinerários secundários
Bruno Dias / Rebeca Blanco-Rotea / Fernanda Magalhães
- 953 Resultados das leituras geofísicas de Monte dos Castelinhos, Vila Franca de Xira
João Pimenta / Tiago do Pereiro / Henrique Mendes / André Ferreira
- 965 *Loca sacra*: Para uma topografia dos lugares simbólicos no atual Alentejo em época romana
António Diniz
- 977 Mosaicos da área de influência de *Pax Iulia*
Maria de Fátima Abraços / Licínia Wrench
- 993 A exploração de pedras ornamentais na Lusitânia: Primeiros dados de um estudo em curso
Gil Vilarinho

4. Época Medieval

- 1009 A necrópole da Alta Idade Média do Castro de São Domingos (Lousada, Portugal)
Paulo André Pinho Lemos / Manuel Nunes / Bruno M. Magalhães
- 1025 A transformação e apropriação do espaço pelos edifícios rurais, entre a Antiguidade Tardia e a Idade Média, no troço médio do vale do Guadiana (Alentejo, Portugal)
João António Ferreira Marques
- 1037 A reconfiguração do espaço rural na Alta Idade Média. Análise dos marcadores arqueológicos no Alto Alentejo
Rute Cabriz / Sara Prata
- 1047 O Castelo de Vale de Trigo (Alcácer do Sal): dados das intervenções arqueológicas
Marta Isabel Caetano Leitão
- 1061 Convento de Nossa Senhora do Carmo de Moura, um conjunto de silos medievais islâmicos: dados preliminares de uma das sondagens arqueológicas de diagnóstico
Vanessa Gaspar / Rute Silva
- 1075 Potes meleiros islâmicos – Contributo para o estudo da importância do mel na Idade Média
Rosa Varela Gomes
- 1085 Luxos e superstições – registos de espólio funerário e outras materialidades nas necrópoles islâmicas no Gharb al-Andalus
Raquel Gonzaga
- 1097 A Necrópole Islâmica do Ribat do Alto da Vigia, Sintra
Alexandre Gonçalves / Helena Catarino / Vânia Janeirinho / Filipa Neto / Ricardo Godinho
- 1115 O inédito pavimento Cisterciense da cidade de Évora
Ricardo D'Almeida Alves de Morais Sarmento
- 1129 Do solo para a parede: a intervenção arqueológica no Pátio do Castilho n.º 37-39 e a(s) Torre(s) de Almedina da muralha(s) de Coimbra
Susana Temudo

- 1145 Utensílios cerâmicos de uma cozinha medieval islâmica no espaço periurbano de al-Ushbuna (1ª metade do séc. XII)
Jorge Branco / Rodrigo Banha da Silva
- 1159 O convento de S. Francisco de Real na definição da paisagem monástico-conventual de Braga, entre a Idade Média e a Idade Moderna
Francisco Andrade
- 1169 “Ante o cruzeiro jaz o mestre”: resultados preliminares da escavação do panteão da Ordem de Santiago (séculos XIII – XVI) localizado no Santuário do Senhor dos Mártires (Alcácer do Sal)
Ana Rita Balona / Liliana Matias de Carvalho / Sofia N. Wasterlain
- 1181 Produções cerâmicas da Braga medieval: cultura e agência material
Diego Machado / Manuela Martins
- 1197 Agricultura e paisagem em Santarém entre a Antiguidade Tardia e o Período Islâmico a partir das evidências arqueobotânicas
Filipe Vaz / Luís Seabra / João Tereso / Catarina Viegas / Ana Margarida Arruda

5. Época Moderna

- 1215 A necrópole medieval e moderna de Benavente: resultados de uma intervenção de Arqueologia Preventiva
Joana Zuzarte / Paulo Félix
- 1229 Rua da Judiaria – Castelo de Vide: Aspetos gerais da intervenção arqueológica na eventual Casa do Rabino
Tânia Maria Falcão / Heloísa Valente dos Santos / Susana Rodrigues Cosme
- 1239 A coleção de estanho de Esposende
Elisa Maria Gomes da Torre e Frias-Bulhosa
- 1253 *Três barris num campo de lama*: dados preliminares para o estudo da vitivinicultura na cidade de Aveiro no período moderno
Diana Cunha / Susana Temudo / Pedro Pereira
- 1269 Aveiro como centro produtor de cerâmica: os vestígios da oficina olárica identificada na Rua Capitão Sousa Pizarro
Vera Santos / Sónia Filipe / Paulo Morgado
- 1283 A Casa Cordovil: contributo para o conhecimento de Évora no Período Moderno
Leonor Rocha
- 1295 Reconstruir a Cidade: o pré e o pós-terramoto na Rua das Escolas Gerais, nº 61 (Lisboa)
Susana Henriques
- 1305 Lazareto, fortaleza e prisão: arqueologia do Presídio da Trafaria (Almada)
Fabián Cuesta-Gómez / Catarina Tente / Sérgio Rosa / André Teixeira / Francisca Alves Cardoso / Sílvia Casimiro
- 1319 Conhecer o quotidiano do Castelo de Palmela entre os séculos XV e XVIII através dos artefactos metálicos em liga de cobre
Luís F. Pereira
- 1331 Um forno de cerâmica do início da Época Moderna na Rua Edmond Bartissol, Setúbal
Victor Filipe / Eva Pires / Anabela Castro
- 1341 A necrópole da Igreja Velha do Peral (Proença-a-Nova)
Anabela Joaquineto / Francisco Henriques / Francisco Curate / Carla Ribeiro / Nuno Félix / Fernando Robles Henriques / João Caninas / Hugo Pires / Paula Bivar de Sousa / Carlos Neto de Carvalho / Isabel Gaspar / Pedro Fonseca
- 1357 A materialização da morte em Bucelas entre os séculos XV e XIX. Rituais, semiótica e simbologias
Tânia Casimiro / Dário Ramos Neves / Inês Costa / Florbela Estevão / Nathalie Antunes-Ferreira / Vanessa Filipe

- 1369 Ficam os ossos e ficam os anéis: objetos de adorno e de crença religiosa da necrópole do Convento dos Lóios, Lisboa
João Miguez / Marina Lourenço
- 1379 “Não ha sepultura onde se não tenham enterrado mais de dez cadáveres”: as valas comuns de época moderna da necrópole do Hospital dos Soldados (Castelo de São Jorge, Lisboa), uma prática funerária de recurso
Carina Leirião / Liliana Matias de Carvalho / Ana Amarante / Susana Henriques / Sofia N. Wasterlain
- 1391 Estudo tafonómico de uma coleção osteológica proveniente da Igreja da Misericórdia em Almada
Maria João Rosa / Francisco Curate
- 1403 Variabilidade formal e produtiva da cerâmica moderna na cidade de Braga: estudo de caso
Lara Fernandes / Manuela Martins / Maria do Carmo Franco Ribeiro
- 1415 Representações femininas na faiança portuguesa de Santa Clara-a-Velha: desigualdade, subalternização, emancipação
Inês Almendra Castro / Tânia Manuel Casimiro / Ricardo Costeira da Silva
- 1427 Poder, família, representação: a heráldica na faiança de Santa Clara-a-Velha
Danilo Cruz / Tânia Casimiro / Ricardo Costeira da Silva
- 1437 A Chacota de Faiança a uso e o significado social do seu consumo em Lisboa, nos meados-finais do século XVII: a amostragem do Hospital dos Pescadores e Mareantes de Alfama
André Bargão / Sara da Cruz Ferreira / Rodrigo Banha da Silva
- 1445 Algumas considerações sobre os artefactos em ligas metálicas descobertos no Palácio Sant’Anna em Carnide, Lisboa
Carlos Boavida / Mário Monteiro
- 1461 Os cachimbos cerâmicos dos séculos XVII e XVIII do Palácio Almada-Carvalhais (Lisboa)
Sara da Cruz Ferreira / André Bargão / Rodrigo Banha da Silva / Tiago Nunes
- 1469 Tróia fumegante. Os cachimbos cerâmicos modernos do sítio arqueológico de Tróia
Miguel Martins de Sousa / Tânia Manuel Casimiro / Filipa Araújo dos Santos / Mariana Nabais / Inês Vaz Pinto
- 1483 Um copo para muitas garrafas. Algumas palavras sobre um conjunto de vidros modernos e contemporâneos encontrados na Praia da Alburrica (Barreiro)
Carlos Boavida / António González
- 1495 *A Gran Principessa di Toscana*, um naufrágio do século XVII no Cabo Raso (Cascais)
Sofia Simões Pereira / Francisco Mendes / Marco Freitas
- 1503 Condições ambientais e contexto arqueológico na margem estuarina de Lisboa: dados preliminares da sondagem ESSENTIA (Av. 24 de Julho | Rua Dom Luís I)
Margarida Silva / Ana Maria Costa / Maria da Conceição Freitas / José Bettencourt / Inês Mendes da Silva / Tiago Nunes / Mónica Ponce / Jacinta Bugalhão
- 1517 Evolução ambiental do estuário do Rio Cacheu, Guiné-Bissau: dados preliminares
Rute Arvela, Ana Maria Costa, Maria da Conceição Freitas, Rui Gomes Coelho
- 1525 Extrair informação cultural de madeiras náuticas: uma experiência em Lisboa
Francisco Mendes / José Bettencourt / Marco Freitas / Sofia Simões Pereira
- 1535 Ferramentas, carpinteiros e calafates a bordo da fragata *Santo António de Taná* (Mombaça, 1697)
Patrícia Carvalho / José Bettencourt
- 1547 Parede 1, Carcavelos 12 e Carcavelos 13: três naufrágios da Guerra Peninsular?
José Bettencourt / Augusto Salgado / António Fialho / Jorge Freire
- 1555 Estudo zooarqueológico e tafonómico de um silo de época moderno-contemporânea da Casa Cordovil, Évora
Catarina Guinot / Nelson J. Almeida / Leonor Rocha

- 1569 Uma aproximação à Arqueologia de Paisagem: a paisagem fluvial e as dimensões da sua exploração, comunicação e ocupação
Patrícia Alho / Vanda Luciano
- 1575 Dos Arquivos ao Trabalho de Campo: o Estudo da Fortaleza de Santa Catarina de Ribamar (Portimão)
Bruna Ramalho Galamba
- 1583 Palácio Vaz de Carvalho, a diacronia de um sítio: da Pré-História à Contemporaneidade
Anabela Sá / Inês Mendes da Silva
- 1595 *Um olhar sobre o passado*: apresentação dos resultados de uma intervenção arqueológica na Figueira da Foz
Bruno Freitas / Sérgio Gonçalves / André Donas-Botto
- 1607 Todos os metros contam, 200 mil anos num quarteirão? O caso das Olarias de Leiria
Ana Rita Ferreira / André Donas-Botto / Cláudia Santos / Luís Costa

6. Época Contemporânea

- 1625 Navios de ferro: contributos para uma abordagem arqueológica aos naufrágios de Idade Contemporânea em Portugal
Marco Freitas / Francisco Mendes / Sofia Simões Pereira
- 1637 *Das peles e dos rebites*: o processo de inventariação arqueológica da Central do Biel e da Fábrica de Curtumes do Granjo (Vila Real)
Pedro Pereira / Fernando Silva
- 1649 Seminário Maior de Coimbra: o contributo da arqueologia num espaço em reabilitação
Constança dos Santos / Sónia Filipe / Paulo Morgado / Gina Dias
- 1663 Paradigmas de Preservação e Valorização do Património Monumental nas Linhas de Torres Vedras. Abordagem às intervenções realizadas no Forte da Archeira (Torres Vedras), no Forte 1.º de Suberra e na Bateria Nova de Suberra (Vila Franca de Xira)
João André Perpétuo / Miguel Martins de Sousa / João Ramos
- 1677 Pavimentos em mós na arquitetura saloia: novos dados na Amadora
Nuno Dias / Catarina Bolila / Vanessa Dias / Gisela Encarnação
- 1685 O Tejo e a industrialização: como Lisboa “invadiu” o rio no século XIX
Inês Mendes da Silva
- 1695 As Alcaçarias do Duque. A redescoberta dos últimos banhos públicos de Alfama
Filipe Santos
- 1709 Memorial da Serralharia – Arqueologia do Passado Recente no Hospital de São José
João Sequeira / Carlos Boavida / Afonso Leão
- 1723 *kana, fornadja y kumunidadi*: Um caso de estudo da produção e transformação da cana sacarina na Ribeira dos Engenheiros (Ilha de Santiago)
Nireide Pereira Tavares
- 1735 Personagens Escondidas: À procura das emoções esquecidas das mulheres na indústria portuguesa. Uma análise arqueológica através de novas materialidades
Susana Pacheco / Joel Santos / Tânia Manuel Casimiro
- 1747 Sós mas não Esquecidos. Por uma Arqueologia da Solidão
Joel Santos / Susana Pacheco

7. Arte Rupestre

- 1761 O projeto First-Art (*Extension*): determinação cronológica e caracterização dos pigmentos nas fases iniciais da Arte Rupestre Paleolítica
Sara Garcês / Hipólito Collado / Hugo Gomes / Virginia Lattao / George Nash / Hugo Mira Perales / Diego Fernández Sánchez / José Julio García Arranz / Pierluigi Rosina / Luiz Oosterbeek

- 1771 Mais perto da conclusão: novo ponto da situação da prospecção e inventário da arte rupestre do Côa
Mário Reis
- 1787 Propostas metodológicas para a conservação dos sítios com Pinturas Rupestres da Pré-História recente no Vale do Côa
Vera Moreira Caetano / Fernando Carrera / Lara Bacelar Alves / António Batarda Fernandes / Teresa Rivas / José Santiago Pozo-Antonio
- 1801 Alguma cor num fundo de gravura: principais conjuntos da pintura pré-histórica do Vale do Côa
Lara Bacelar Alves / Andrea Martins / Mário Reis
- 1815 Desde a crista, olhando para o Tejo – os abrigos com pintura esquemática do Pego da Rainha (Mação, Portugal)
Andrea Martins
- 1841 Gravuras rupestres da rocha 2 da Lomba do Carvalho (Almaceda, Castelo Branco).
Informação empírica e hipóteses interpretativas
Mário Varela Gomes
- 1859 Um novo olhar sobre as gravuras de labirintos: o caso do Castelinho (Torre de Moncorvo, Portugal)
Andreia Silva / Sofia Figueiredo-Persson / Elin Figueiredo
- 1875 Os seixos incisos da Idade do Ferro de São Cornélio (Sabugal, Alto Côa)
Luís Luís / Marcos Osório / André Tomás Santos / Anna Lúcia Vitale / Raquel Vilaça
- 1891 Entre topónimos e lendas. Explicações das sociedades rurais para o fenómeno podomórfico do nordeste de Trás-os-Montes
José Moreira
- 1905 Os grafitos molinológicos ou a realidade (in)visível das moagens hidráulicas tradicionais: resultados da aplicação de um inédito roteiro metodológico (Lousada, Norte de Portugal)
Manuel Nunes / Paulo André P. Lemos

8. Arqueologia Pública, Comunicação e Didática

- 1923 Património Mundial e Valor Social: Uma Investigação sobre os Sítios Pré-históricos de Arte Rupestre do Vale do Rio Côa e de Siega Verde
José Paulo Francisco
- 1931 Parque Arqueosocial do Andakatu em Mação. Boas práticas para a sustentabilidade e disseminação do conhecimento científico
Hugo Gomes / Sara Garcês / Luiz Oosterbeek / Pedro Cura / Anabela Borralheiro / Rodrigo Santos / Sandra Alexandre
- 1943 Vila Nova de São Pedro e a Arqueologia Pública – a consolidação de um projecto através dos agentes da sua história
José M. Arnaud / Andrea Martins / César Neves / Mariana Diniz
- 1963 O Monumento Pré-histórico da Praia das Maças (Sintra): atividades de divulgação e educação patrimonial realizadas no âmbito das recentes escavações arqueológicas
Eduardo Porfírio / Catarina Costeira / Teresa Simões
- 1979 A Idade do Bronze como ferramenta de Educação e Divulgação em Arqueologia – O Projeto Outeiro do Circo 2022-2023
Sofia Silva / Eduardo Porfírio / Miguel Serra
- 1993 Arqueologia Pública: a Festa da Arqueologia como caso de estudo
Carla Quirino / Andrea Martins / Mariana Diniz
- 2013 Open House Arqueologia – a aproximação da disciplina científica aos cidadãos
Lídia Fernandes / Carolina Grilo / Patrícia Brum
- 2025 “Cada cavadeira sua minhoca”: Arqueologia Pública e Comunicação através do caso de estudo do Largo do Coreto e envolvente em Carnide (Lisboa)
Ana Caessa / Nuno Mota

- 2037 **Grupo CIGA: comunicar e divulgar a cerâmica islâmica**
Isabel Inácio / Jaquelina Covaneiro / Isabel Cristina Fernandes / Sofia Gomes / Susana Gómez / Maria José Gonçalves / Marco Liberato / Gonçalo Lopes / Constança Santos / Jacinta Bugalhão / Helena Catarino / Sandra Cavaco
- 2047 **O Forte de São João Batista da Praia Formosa: a recuperação virtual e a reconstrução da memória**
Diogo Teixeira Dias / Sérgio Gonçalves
- 2059 **Entre a Universidade e a profissão: A experiência de um Estágio Curricular narrada na primeira pessoa**
Mariana Santos
- 2069 **A Arqueologia e os seus Públicos: relação dos Arqueólogos com os outros Cidadãos no âmbito da Contemporaneidade**
Florbel Estêvão / Vítor Oliveira Jorge
- 2079 **Arqueologia e Comunicação na era da Big Data: do sítio arqueológico ao registo de monumentos e paisagens. Será este um dia FAIR?**
Ariele Câmara / Ana de Almeida / João Oliveira / Daniel Marçal
- 2091 **Exposição de Arte-Arqueologia: Artefactos do Descarte**
Pedro da Silva / Inês Moreira

9. Historiografia e Teoria

- 2103 **Pré-História e “Antropologia Cultural”: repensar esta interface**
Vítor Oliveira Jorge
- 2115 **“Onde está o Wally?” Representações de mulheres nos museus de Pré-História**
Sara Brito
- 2125 **“Criei o hábito de geralmente ignorar”: sexismo, assédio e abuso sexual em Arqueologia**
Liliana Matias de Carvalho / Sara Simões / Sara Brito / Jacinta Bugalhão / Miguel Rocha / Mauro Correia / Regis Barbosa / Raquel Gonzaga
- 2137 **O ensino da Arqueologia em Portugal**
Jacinta Bugalhão
- 2149 **O Grupo Pró-Évora e o curso de arqueologia de 1968: uma primeira aproximação ao tema**
Ana Cristina Martins
- 2161 **Andanças na Arqueologia Urbana da Cidade de Coimbra: Um Historial de Duas Décadas do Processo Metro Mondego**
António Batarda Fernandes
- 2177 **Peixes de Água Doce e Migradores de Portugal: Sistematização da Informação Zooarqueológica**
Miguel Rodrigues / Filipe Ribeiro / Sónia Gabriel
- 2191 **Extração de Conhecimento em Arqueologia: primeiros resultados da aplicação a dados portugueses**
Ivo Santos
- 2199 **A Igreja do Carmo de Lisboa: um exemplo de arqueologia vertical com 600 anos**
Célia Nunes Pereira

10. Gestão, Valorização e Salvaguarda do Património

- 2215 **A simplificação legislativa e os desafios à atividade arqueológica**
Gertrudes Branco
- 2223 **IPA / IGESPAR, IP / DGPC – Extensão de Torres Novas: 25 anos**
Sandra Lourenço / Gertrudes Zambujo / Cláudia Manso
- 2239 **O futuro do Património Arqueológico Subaquático: Uma perspetiva através do ensino**
Adolfo Silveira Martins / Alexandra Figueiredo / Cláudio Monteiro / Adolfo Miguel Martins

- 2245 **Recomendações de Boas-Práticas em Arqueologia de Ambientes Húmidos**
Ana Maria Costa / Cândida Simplício / Cristóvão Fonseca / Jacinta Bugalhão / João Pedro Tereso / José Bettencourt / José António Gonçalves / Miguel Lago / Pedro Barros / Rodrigo Banha da Silva
- 2261 **A inventariação e georreferenciação do Património Cultural Marítimo no *Endovéllico***
Pedro Barros / Jacinta Bugalhão / Gonçalo C. Lopes / Cristóvão Fonseca / Pedro Caleja / Filipa Bragança / Sofia Pereira / Ana Sofia Gomes
- 2273 **A piroga monóxila Lima 7 e os desafios que o rio nos apresenta**
José António Gonçalves / João Marrocano
- 2291 **A paisagem marítima do litoral do Minho. Uma primeira aproximação à paisagem económica de Viana do Castelo**
Tiago Silva
- 2301 **O projeto TURARQ – Turismo Arqueológico para a compreensão da cultura e das interações ambientais**
Hugo Gomes / Sara Garcês / Marco Martins / Anícia Trindade / Douglas O. Cardoso / Eduardo Ferraz / Luiz Oosterbeek
- 2307 **Tecnologias de Detecção Remota aplicadas ao Descritor do Património: da prática à reflexão**
Gabriel Pereira / Nuno Barraca / Mauro Correia / Gustavo Santos
- 2321 **Procedimentos a adotar na manipulação de materiais arqueológicos para análises de resíduos orgânicos: as práticas instituídas e os equívocos**
César Oliveira
- 2331 **Arqueologia da Arquitetura aplicada ao estudo dos espaços construídos: uma metodologia de análise**
Eduardo Alves / Rebeca Blanco-Rotea
- 2343 **Almada Velha: um projeto municipal de gestão arqueológica**
André Teixeira / Sérgio Rosa / Telmo António / Rodrigo Banha da Silva / João Gonçalves Araújo / Eva Pires / Beatriz Calapez Santos / Fátima Alves / Francisco Curate / Leonor Medeiros / Joana Esteves / Alexandra P. Rodrigues / André Bargão / Joana Mota
- 2357 **Um projeto de Arqueologia atlântica: a ERA na Madeira**
Arlette Figueira / Miguel Lago
- 2365 **Abordagens Interdisciplinares para o Estudo Histórico e Arqueológico do Património Têxtil: Experiências e Perspetivas da Ação COST EuroWeb**
Catarina Costeira / Francisco B. Gomes / Paula Nabais / Alina Iancu
- 2381 **Umas termas debaixo dos vossos pés: o Projeto de Estudo e Valorização do Criptopórtico Romano de Lisboa (CRLx)**
Nuno Mota / Ana Caessa
- 2393 **Arqueologia Urbana no Município de Coimbra**
Sérgio Madeira / Ana Gervásio / Clara Sousa / Joana Garcia / Raquel Santo
- 2407 **A Cidade como ponto de (Re)encontro com o seu território**
Raquel Santos / Ana Gervásio / Clara Sousa / Joana Garcia / Sérgio Madeira
- 2419 **Os antigos sistemas de gestão de água de Coimbra: características formais e estado da arte**
Paulo Morgado / Sónia Filipe
- 2433 **Ecologias da liberdade: materialidades da escravidão e pós-emancipação no mundo atlântico. Um projeto em curso em Portugal e na Guiné-Bissau**
Rui Gomes Coelho / Ana Maria Costa / João Tereso / Maria da Conceição Lopes / Maria da Conceição Freitas / Patrícia Mendes / Rute Arvela / Sandra Gomes / Sara Simões / Sónia Gabriel
- 2441 **Centro Interpretativo do Urbanismo e da História do Crato – Resultados da intervenção arqueológica**
Susana Rodrigues Cosme / Tânia Maria Falcão / Heloísa Valente dos Santos

A DINÂMICA VIÁRIA NO VALE DO RABAGÃO: A VIA XVII E O CONTRIBUTO DOS ITINERÁRIOS SECUNDÁRIOS

Bruno Dias¹, Rebeca Blanco-Rotea², Fernanda Magalhães³

RESUMO

A conquista romana do Noroeste Peninsular deve ser entendida como uma pequena parte de um processo complexo conhecido como ‘Romanização’, que alterou significativamente a realidade socioeconómica dos territórios conquistados, a própria conceção arquitetónica das cidades, mas também a forma como as mesmas comunicavam entre si. Esta comunicação era feita através de uma rede viária organizada e estratificada com o intuito de manter o controlo político e socioeconómico dos territórios conquistados, como terá sido o caso da via XVII (*Bracara Augusta – Asturica Augusta*) que percorre a totalidade do vale do Rabagão, bem como outras áreas de potencial mineralógico nas imediações. Porém, as vias secundárias parecem ter um papel promissor e relevante na construção da paisagem deste vale.

Palavras-chave: Arqueologia da Paisagem; Vias secundárias; Via XVII; Sistemas de Informação Geográficos; Rio Rabagão.

ABSTRACT

The Roman conquest of the Northwest Peninsula should be understood as a small part of a complex process known as ‘Romanisation’, which significantly changed the socio-economic reality of the conquered territories, the very architectural design of the cities, but also the way they communicated with each other. This communication was made through an organised and stratified road network in order to maintain the political and socio-economic control in the conquered territories, as was the case with the Via XVII (*Bracara Augusta – Asturica Augusta*), which runs through the entire Rabagão valley, along with other areas nearby with mineralogical potential. However, the secondary routes seem to have a promising and relevant role in the construction of the landscape of this valley.

Keywords: Landscape Archaeology; Secondary roads; Via XVII; Geographical Information Systems; Rabagão valley.

1. INTRODUÇÃO

A paisagem, como um objeto de estudo, entende-se como a materialização das práticas sociais materiais e imateriais sobre o meio físico ao longo do tempo (Criado-Boado, 1999, p. 5). Além disso, a conceptualização da paisagem implica que ambas as práticas estejam interligadas, um como consequência do

outro, e atuando sobre coordenadas espaciais, de modo que a sua compreensão conjunta nos permita aceder aos complexos padrões de racionalidade que mostram como os humanos, ao longo do tempo, interagiram com a natureza (Criado-Boado, 1993; 1999, p. 10; Parcero-Oubiña, 2002, p. 16). Ou seja, cada sociedade em cada período histórico cria a sua paisagem, de forma mais ou menos consciente, con-

1. Mestrando do curso de Mestrado em Arqueologia da Universidade do Minho / brunofilipiediasarq@gmail.com

2. Laboratório de Paisagem, Património e Território (Lab2PT) e Departamento de História da Universidade do Minho rebeca.branco.rotea@eaad.uminho.pt

3. Laboratório de Paisagem, Património e Território (Lab2PT) e Departamento de História da Universidade do Minho fmagalhães@uaum.uminho.pt

soante as suas necessidades, embora essas mesmas paisagens possam ser parcialmente ou totalmente transformadas pelas comunidades seguintes (Criado-Boado, 1999, p. 5). Assim, através do estudo, dos códigos inseridos no território e da identificação desses padrões de racionalidade, podemos tentar interpretar como as sociedades passadas construíam a sua paisagem (Criado-Boado, 1993; Tilley 1994 *apud* Parcero-Oubiña, 2000, p. 15) e como as sociedades que ocuparam posteriormente estes mesmos territórios, os transformaram. Desde a Arqueologia da Paisagem tentamos reconstruir as paisagens arqueológicas, de uma forma sincrónica ou diacrónica, analisando as materialidades que estas sociedades deixaram no território (Criado-Boado, 1999, p. 12).

O vale do Rabagão, localizado na zona de Trás-os-Montes, no Norte de Portugal, reúne um conjunto de características geomorfológicas propícias para o estabelecimento de diversas comunidades neste território, das quais temos conhecimento desde pelo menos o período Neolítico. Estas matérias-primas foram sendo documentadas por alguns autores clássicos como Estrabão e Plínio-o-Velho, dando especial atenção aos recursos mineiros, que certamente despoletaram o interesse das comunidades que aqui se estabeleceram (Lemos & Morais, 2004, p. 17; Fonte, 2007, p. 71). As diferentes atividades realizadas por estas populações no vale, transformaram o espaço e produziram paisagens diferenciadas, tendo em conta, as suas necessidades, as suas condutas espaciais ou a sua visão perante o mundo (Criado-Boado, 1999, p. 5).

Assim, este estudo, teve como objetivo, entender como a paisagem foi construída, modificada e possivelmente conceptualizada pelas comunidades no vale do Rabagão entre a Idade do Ferro e o período Romano, dando especial atenção às vias de comunicação terrestres aqui estabelecidas e de que forma estas foram implementadas no território consoante as necessidades populacionais. Ou seja, porque é que as vias ocupam o espaço que ocupam no Vale do Rabagão, como se relacionam com os núcleos populacionais do período que nos interessa e que papel desempenharam na articulação do território.

A criação e consolidação destas infraestruturas viárias no período romano foi uma autêntica teia de ligação entre as cidades do Noroeste Peninsular (Pau de Soto, 2011, pp. 128-131). Contudo, existem algumas funções primordiais que eram atribuídas a estas vias principais – *viae publicae* –, como o controlo/

abastecimento militar no território, a movimentação de informação do *cursus publicus* e a circulação rápida e segura das matérias-primas para o desenvolvimento económico do império (Lemos, 2002, pp. 98-100; Lemos & Morais, 2004, p. 18). Embora menos debatidas, as vias secundárias – *viae vicinalis* e *viae privatae* – eram uma ramificação das vias principais que ligavam os aglomerados secundários (*vici*) com o resto do território ou serviriam apenas de acesso a quintas/campos, respetivamente. Assim sendo, o seu desenvolvimento está relacionado com a própria estrutura do povoamento, especialmente nas zonas rurais, e a sua compreensão permite-nos perceber como evolui neste período de transição que nos interessa. Contudo, é importante realçar que, embora as *viae vicinalis* não tivessem um estatuto tão importante quanto as vias principais, têm outras funções importantes, existem exemplos onde estas vias secundárias circulavam por áreas de extração/potencial mineira(o) (Laurance, 2002, pp. 60-61; Lemos, 2002, pp. 109-112; Lemos & Morais, 2004, pp. 34-35; Fonte, 2007, pp. 244, 312).

2. METODOLOGIA

Abordamos o território do vale do Rabagão através de uma escala macro espacial com a intenção de enquadrar as ações históricas e as práticas sociais na sua envolvente, interrelacionando essas práticas com o meio físico em que se encontram. Pois, entendemos que desta forma podemos aproximar-nos dos códigos internos da paisagem e compreendê-la sincronicamente (Blanco-Rotea, 2017, pp. 22, p. 40; Mañana Borrazás & *alii*, 2002, p.14). Esta forma de visualizar o território parte da tentativa de tentar descodificar a paisagem apesar das suas mudanças constantes através das ações antrópicas, naturais ou até mesmo por ambas (Parcero-Oubiña: 2000, pp. 15-16).

Tendo escolhido a Arqueologia da Paisagem como estratégia de investigação para atingir esse objetivo, atualmente, esta disciplina combina ferramentas tradicionais (prospecção, escavações arqueológicas ou análises geográficas), interligadas com as novas tecnologias aplicadas ao estudo do espaço (LiDAR, SIG e fotogrametria). É esta a abordagem que aplicamos no Vale do Rabagão, desta forma, permite-nos aproximar de uma leitura sobre aquilo que perdura na sua paisagem antiga e contextualizá-lo no seu período histórico, bem como nas dinâmicas de ocupação do território das sociedades que construíram

estas paisagens e as suas mudanças (Costa García & *alli.*, 2016; Menéndez Blanco & *alli.*, 2013).

A partir de outros modelos, já previamente testados (Blanco-Rotea, 2015; 2022; Costa-García et al., 2021), articulamos a proposta em cinco fases de análise, embora cada uma delas implique a utilização de ferramentas distintas e a obtenção de dados de diferentes naturezas. Todas as fases têm de trabalhar reciprocamente, para que entre em concordância com a escala macro espacial escolhida (Mañana-Borrazás & *alli.*, 2002: p. 16):

1. Fase I: Pesquisa e seleção de informações arqueológicas.

Foi realizada uma procura exaustiva de material bibliográfico, cartográfico e fotográfico centrado no período cronológico escolhido, tendo especial atenção à questão da rede viária. Os dados recolhidos desta pesquisa foram inseridos numa ficha de análise para cada elemento estudado desenhado no contexto do projeto. Após a aquisição de informações sobre a materialidade dos elementos ligados ao período histórico que nos interessa – miliários, provável caminho viário, espólio encontrado, posicionamentos dos locais – foram utilizados os elementos arqueológicos relevantes para o projeto. Sendo que, sem ter atenção a essa prática, ficamos sujeitos a que as análises realizadas nas fases seguintes não sejam consistentes, como por exemplo, considerar erradamente elementos fora da baliza cronológica utilizada (Parcero-Oubiña, 2000, pp. 33-35; Maciel, 2018, p. 35). Posteriormente a esse processo, inserimos os dados em ferramentas como o QuantumGIS, ArcGisPro e GoogleEarth.

2. Fase II: Verificação das informações recolhidas em campo.

Realização de visitas aos locais, viabilizando, complementado ou refutado, a informação que foi angariada anteriormente. As visitas tiveram o foco na visualização de alguns traçados das vias, povoados ou materialidades posicionadas no território. Porém, é um processo penoso porque muitos destes locais encontram-se com vegetação densa, o que dificulta a sua análise.

3. Fase III: Análises geo-espaciais. Após a fase anterior, com a informação angariada realizaram-se diversas análises, tendo em consideração principalmente o cruzamento dos dados obtidos através das cartas militares de 1961 e bibliografias analisadas (Fase I) com os dados

georreferenciadas após as visitas aos locais (Fase II).

4. Fase IV: Interpretação dos dados. Com estes dados permitiu-nos verificar a distorção ou sustentação das análises que estávamos a realizar, mas também, de que forma poderíamos interpretar as análises que não obtiveram os resultados esperados.

5. Fase V: Compreensão da paisagem do Vale do Rabagão e a rede viária associada a partir dos dados identificados e das análises geoespaciais.

3. LOCALIZAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DA ZONA DE ESTUDO

O vale do Rabagão apresenta um conjunto de características naturais que nos permitiu estabelecer o espaço geográfico a analisar, numa área delimitada a norte e oeste pela zona de influência das Serras da Cerdeira, Facho, Ferronho, mas também através do próprio rio Cávado. A sul as Serras do Barroso, Cabreira e Torrinheiras enquanto a este e nordeste pela zona de influência do rio Beça [Figura 1]. Embora o destaque deste trabalho seja a rede viária na área do vale do Rabagão, não podemos deixar de parte regiões vizinhas que tiveram influência na planificação dessa rede viária nesta parte do território, como a zona do vale do Beça, Terva e Cávado que se situam nas imediações do Rabagão.

Sendo o rio Rabagão um dos elementos centrais deste estudo, este congrega uma área de cerca de 248km², com uma grande complexidade dendrítica fruto dos acidentes geográficos existentes na região, por onde os afluentes deste rio se foram desenvolvendo ao longo do tempo. Esta realidade hidrológica, fez com que esta região tivesse um ambiente fértil e rico em recursos naturais essenciais para a fixação destas comunidades no território. Desde o final do I milénio a.C. o Noroeste Peninsular (Martins, 1990; Parcero-Oubiña, 2000; Fonte, 2015; Fernández-Götz, 2018; Cruz, 2018), assiste a uma intensa ocupação no território com a implantação de inúmeros povoados nas imediações de áreas de exploração de recursos naturais (ouro, estanho, volframite), ou direcionadas para o controlo e defesa do território tendo em conta a disposição destes sítios em posições mais elevadas (Costa, 2006, p. 13; Fonte, 2007, pp. 68-70; Martins, 2010, pp. 107-120). A via XVII que ligava *Bracara Augusta* a *Asturica Augusta*, ambas capitais de *conventus*, foi uma das primeiras vias do Noroeste Peninsular,

sendo um dos eixos primordiais desta região a zona de *Aquae Flaviae*, atual cidade de Chaves. Esta via tem vindo a ser estudada desde os tempos de Jerónimo Contador de Argote, quando localizou diversos miliários que permitiram estipular o traçado da via XVII. Contudo, sendo alguns deles – Lerenó Barradas (1956), Martins Capela (1995), José Dias Baptista (1990), Rodríguez-Colmenero & *alli.* (2004) ou João Fonte (2015) – acrescentaram novos dados e permitiram entender com maior exatidão a disposição da via XVII, bem como das vias secundárias associadas. Porém, ainda existem certas discordâncias no que diz respeito a algumas zonas da via XVII, incluindo a área onde se encontra o vale do Rabagão.

4. A INFLUÊNCIA DA VIA XVII E DO RIO RABAGÃO NA IMPLANTAÇÃO DOS POVOADOS

Ao longo do tempo, o rio Rabagão foi sendo apelidado de diversas maneiras, Rio Misarela – pela passagem pela ponte da misarela – ou Rio da Vila da Ponte – devido à aldeia da Vila da Ponte – (Baptista, 1993, p.26 *apud* in Costa, 2006). Nos dias que correm, é conhecido por alimentar uma das secções da região do Barosso – destacada como património agrícola mundial em 2018⁴ –, bem como duas albufeiras importantes – Albufeira do Alto Rabagão e Venda Nova – que alteraram a forma como vemos o território. De facto, esta última questão tornou mais difícil o processo interpretativo, pois temos que acrescentar uma nova camada histórica a esta paisagem. Neste caso, esta ação transformou drasticamente a zona de estudo, sendo necessário proceder a uma reconstrução deste espaço para posteriormente o poder interpretar consoante os nossos objetivos. Uma grande parte da via XVII, ficou submersa sob as águas destas duas albufeiras. Porém, graças à tese de doutoramento de João Fonte (2015, pp. 300-306) foi possível recuperar digitalmente o traçado desta via, através de uma restituição fotogramétrica tendo como base as fotos aéreas do voo SPLAL de 1949 aliado a um procedimento de aerotriangulação. Simultaneamente, os dados do projeto – Vias Romanas em Portugal⁵ – ajudaram na vetorização destes itinerários no território do vale do Rabagão.

4. https://www.europarl.europa.eu/doceo/document/E-8-2018-003227_EN.html, consultado em 03/06/2023.

5. <https://www.viasromanas.pt/>, consultado em 10/06/2023.

Após a georeferenciação dos povoados, bem como de outras partes integrantes deste estudo, verificou-se um contraste na implantação dos povoados da Idade do Ferro comparativamente aos do Período Romano. Enquanto que, na Idade do Ferro a maioria dos povoados (6) se estabeleceram na margem esquerda do rio Rabagão, no período Romano todos os povoados implantaram-se na margem direita do rio. No período intermédio entre os dois anteriores, os três sítios têm uma ocupação semelhante, 2 na margem esquerda e 1 na margem direita, porém verifica-se que todos se situam nas imediações do rio Rabagão, bem como da via XVII. Tendo em conta a disposição dos dados, é importante realçar uma questão: quais terão sido as razões para uma mudança de posição? Fazendo uma análise topográfica inicial, verifica-se que o padrão posicional dos sítios da Idade do Ferro procuravam os locais mais proeminentes da região (Martins 1990: p. 207; Parcero-Oubiña: 2002: p. 189; González-Ruibal, 2006: p. 300; García Quintela & Santos-Estévez, 2008: pp. 298-301 *apud* Fonte, 2015: p. 189), o que faz com que possa ser uma razão viável para esta implantação. Por sua vez, apesar destes sítios valorizarem a visibilidade sobre o território, a proximidade sobre os recursos hídricos deve ser tida em conta. Sendo assim, é possível validar que os sítios deste período se situam mais próximos do rio Rabagão se estivessem posicionados na margem esquerda do que se optassem pela margem direita [figura 2]. Relativamente aos do período romano, bem como aqueles que abrangem estes dois períodos, o padrão posicional muda. Neste caso, tem como locais de implantação as zonas próximas à via XVII. Porém, existem locais que se afastaram deste padrão (Martins & *alli.*, 2005, p. 268; Martins & Carvalho, 2017, p. 735), como foi o caso do Povoado de Vale Antigo e o Povoado do Monte de São João. Questões como a existência de recursos minerais ou terrenos férteis devem ser fatores de ter também em consideração na posição que ocupam.

5. O RAMAL SUL DA VIA XVII: PROBLEMÁTICAS E POSSÍVEIS SOLUÇÕES NO SEU POSICIONAMENTO

O dito ramal sul da via XVII, que passaria pela notável serra do Barroso, tem vindo a ser debatido frequentemente nas últimas décadas (Lerenó Barradas, 1956; Martins Capela, 1995; José Dias Baptista (1990), Rodríguez-Colmenero & *alli.* (2004) e João

Fonte (2015), com o intuito de conseguir entender como se implantava esta ramificação da via XVII. Para tentar realizar uma aproximação de como seria esta via secundária, desenvolvemos uma análise *Least Cost Path* (LCP) no ArcGisPro (SIG). As análises de LCP podem ser entendidas, como um segmento de reta com pelo menos dois pontos interligados a um algoritmo de custo – neste caso o de Toobler – essencial para entender o esforço das comunidades ao circularem pela topografia de um território. Sendo que, o algoritmo procurará o corredor de circulação com o menor custo. Assim, as análises de LCP procuram prever, e/ou greconstruir as vias de comunicação dos territórios em análise. Simultaneamente, juntamos elementos na tentativa de criar uma hipótese que justificasse o esforço das comunidades ao circularem por este território, dando especial destaque aos dados mineiros (Guimil-Fariña & Parcero-Oubiña, 2015, p. 31-34). Contudo, no decorrer desta análise fomos encontrando diversas dificuldades no que diz respeito à localização do ponto inicial/final desta possível *via vicinali*. Relativamente ao ponto inicial, Barradas (1956, p. 190), Capela (1995, p. 56) e Rodriguez Colmenero & *alli*. (2004, p. 113) referem que junto ao miliário de Cláudio I, situado nas imediações da ponte dos Três Olhais, poderia ser o ponto inicial desta ramificação (Figura 3), enquanto que, Fonte (2015, p. 312) indica que poderá partir desde a ponte do arco, o que não deixa de ser uma opção viável, embora tenhamos escolhido a ponte dos Três Olhais. Relativamente ao ponto final, seria o local de intercepção com a via principal, nas imediações de *Aquae Flaviae*. Porém, visto que o próximo nó viário seria *Aquae Flaviae*, devemos perguntar, porque é que este local não foi escolhido? A razão desta escolha – embora também pudesse ser uma possibilidade (Fonte, 2015) – surge na particularidade que esta ramificação não é distinguida (até à data) como uma via militar, mas possivelmente uma *via vicinali*, sendo que, ambas são de cariz público e podem ser utilizadas por diferentes entidades. De forma a reforçar esta escolha, em Ulpianus 33 *ad ed.*, o mesmo refere que este tipo de via secundária começava e terminava em vias militares, ou em alguns casos poderiam até mesmo não ter saída. Tendo os pontos principais georeferenciados, Lerenó Barradas (1956, p. 191) informa que existam certos locais por onde este itinerário passava, sendo estes: a ponte de Ormeche, por Alturas de Barroso, nas imediações de uma serra aclamada como Esculca, na zona de Sapiãos onde de

seguida acabaria de levar ao itinerário secundário já conhecido. Estas localizações não tiveram qualquer influência no resultado do LPC, são apenas pontos de referência. E como é possível verificar, o caminho realizado na análise, passa nas proximidades ou exatamente nesses pontos. Sendo que, o único com um desvio mais acentuado é na zona de esculca, mas Barradas (1956, p. 191) informa que a via não passaria exatamente neste local [figura 3]. Para comprovar e analisar estes aspetos, desde a Arqueologia da Paisagem, visitamos o local e verificamos a existência de uma parte do traçado da dita via junto à ponte romana de Ormeche [figura 4]. O que faz com que as possibilidades de passar uma via por esta zona, seja substancialmente maior. No entanto, destacamos que o percurso inicial desta via é difícil de precisar. Em primeiro lugar, devido às diversas fontes que se contradizem no que diz respeito ao ponto inicial, em segundo lugar pela influência da albufeira da Venda Nova no modelo digital de terreno, que barra o acesso à topografia desta área.

Ao fazer uma análise dos dados mineiros inseridos, fica perceptível que esta via começava e terminava em dois locais com forte atividade mineira, as minas de Codeçoso e o complexo mineiro do vale superior do rio Terva (Fontes & Alves, 2014; Fontes *et al.*, 2015; Osório, 2018), respetivamente. Porém, embora em menor quantidade, também é possível verificar atividade mineira na parte central deste itinerário, como seria o caso da Mina do Alto da Urreta ou as Minas de Carvalhelhos. Tendo em consideração estes dados, aparentemente a planificação deste traçado secundário pode ter sido planificada incluindo os espaços de extração mineira na zona dos vales do Rabagão, Beça e Terva. Aliás, constata-se essa particularidade no vale do Rabagão, onde se verifica uma forte atividade mineira nas imediações da via XVII, que percorria esse vale [figura 5]. Assim, não parece descabido a disposição que esta possível *via vicinali* têm, tendo em consideração a mineração desta zona, que muitas das vezes é referenciada como *territoria mettalorum* autónoma (Lemos & Martins, 2010, p. 91-92). Embora não nos tenhamos alongado na questão das variantes por Arcos e Seara Velha, por não ser a questão fulcral desta análise, é pertinente apontar levemente esta questão. Após a bifurcação nas imediações do povoado central de S. Vicente da Chã – também com indícios de atividade mineira – verifica-se uma disposição muito específica da variante dos Arcos em direção à zona mineira

do Terva. Após a passagem pelas vertentes acidentadas junto às Fragas de Contenda, esta subdivide-se criando a variante por Seara Velha. A necessidade de se bifurcar nesta zona pode ter sido devido às atividades aqui realizadas, pois pouco depois, liga-se novamente ao itinerário principal. O que nos poderá indicar uma necessidade viária específica na zona do complexo mineiro do vale superior do rio Terva.

6. O TRAÇADO VIÁRIO DA VIA XVII PELA SERRA DO GERÊS: HIPÓTESES NO SEU TRAÇADO VIÁRIO

No decorrer do ano de 2021 o grupo de investigação Romanarmy.eu⁶ realizou uma campanha de investigação na zona fronteira entre Ourense e Montalegre, focada num possível recinto fortificado retangular descoberto através dos dados LIDAR facultados pelo Instituto Geográfico Nacional. Os dados desvendaram um recinto fortificado de três hectares do período romano, situado numa zona de vale do rio Salas que rompe a paisagem junto às aldeias de Tourém e de Calvos de Randim. O mesmo grupo de investigação diz que identificou um talude de terra conservado em pelo menos três faces deste recinto, bem como um fosso externo que complementava a defesa deste local. Tendo em conta a dimensão deste acampamento, segundo o trabalho de Costa-García & *alli.* (2019, p. 24-25), considera-se que fosse um pequeno recinto, mas que podia albergar um contingente em torno de mil homens. A localização destes acampamentos localizava-se predominantemente em zonas altas com pendentes suaves com o intuito de controlar os corredores de circulação dos diferentes tipos de território por onde se deslocava o exército romano. Mas parece que existem também outros tipos de padrões. Embora seja apenas uma possibilidade, aplicamos os mesmos parâmetros da análise anterior, através do *Least Cost Path*. A dificuldade de realizar esta análise debruçou-se principalmente sobre o ponto inicial para calcular este traçado. Acreditamos que o ponto inicial fosse na *mansione praesidium* que até há data, embora muitíssimo discutida, ainda não foi possível de identificar. Contudo, diversas bibliografias destacam que este local pudesse estar nas imediações da Vila da Ponte (Fon-

te, 2015, p. 313-314), num local chamado de Corga Seca onde o arqueólogo Luís Fontes encontrou vestígios de um possível povoado romano (Lemos, 2000, p. 33). Sendo assim, colocamos o nosso ponto inicial na zona da Corga Seca, sendo que, o ponto final é onde se situaria o local do Alto da Raia. Na análise inicial verifica-se uma particularidade interessante. O traçado deste itinerário passa nas imediações do povoado do Vale Antigo junto à aldeia de Brandim [Figura 6]. Este sítio era um dos únicos locais, como se verificou na figura 3, que se encontrava afastado do traçado principal da via XVII, e que não cumpria a lógica geral dos restantes sítios analisados. O povoado do vale antigo foi recentemente visitado em virtude deste trabalho e da dissertação de mestrado, e tivemos a possibilidade de ter tanto a autorização como o acompanhamento do proprietário ao local. O mesmo informou que têm encontrado constantemente pequenos pedaços de cerâmica e material de construção tipicamente romano. Posteriormente a esta zona, a partir da aldeia de Travassos já no vale do Cávado, verifica-se que o traçado acompanha uma grande extensão de um conjunto de caminhos pré-existent. De modo a comprovar essa questão, georreferenciamos a carta militar nº19 de 1961, e verificou-se com clareza essa particularidade. A esta altura do trabalho, as análises procuram responder a hipótese de que se trataria de uma *via vicinali*. Porém, acreditamos que devemos continuar a analisar os dados, para inserir conclusões mais sólidas.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Da mesma forma como aconteceu no resto do Noroeste Peninsular, durante o processo de Romanização, no vale do Rabagão as comunidades locais da Idade do Ferro adotaram os novos padrões de ocupação que respondiam às novas lógicas de exploração dos recursos naturais, à deslocação pelo território e à implantação de um novo padrão de ocupação. No espaço estudado, é possível verificar essa mudança no padrão ocupacional, pois as localizações dos mesmos variam em função da atribuição cronológica dos sítios. Além disso, tudo aponta que a posição do vale do Rabagão encontra-se beneficiada por se localizar numa zona rica em recursos minerais por onde passa uma das primeiras vias estratégicas no panorama do Noroeste Peninsular, a via XVII (*Bracara Augusta - Asturica Augusta*). Se cruzarmos os dados anteriores com a localização da via, visualiza-se uma elevada

6. <http://romanarmy.eu/2021/05/24/romanarmy-eu-investiga-un-novo-recinto-fortificado-inedito-entre-galicia-e-portugal/>, consultado em 12/06/2023.

densidade populacional no decorrer da mesma no vale do Rabagão, independentemente do período cronológico estabelecido, o que pode ditar que esta região tenha tido uma longa diacronia ocupacional, fruto dos recursos naturais essenciais para o estabelecimento destas comunidades no território, e que constitui um espaço de comunicação importante. Ademais, a via XVII cruzava a totalidade do vale do Rabagão encontrando-se dotada de um conjunto de vias secundárias que interligavam outros espaços de elevada importância socioeconómica, como seria o nó viário de *Aquae Flaviae* e as áreas do complexo mineralógico do vale superior do rio Terva e a zona do Alto da Raia, nas imediações da *mansionis Aquis Querquennis* que pertencia à via XVIII. De facto, isto revela que houve um elevado interesse das entidades romanas neste território e que poderá ter proporcionado que a via XVII e as suas variantes passassem de uma forma, praticamente obrigatória, por estes territórios de grande capacidade mineral. Assim, esta via terá sido um fator fulcral no desenvolvimento desta região, pois forneceu a este território uma nova dinâmica num contexto económico, administrativo e populacional.

Contudo, embora tenhamos analisado os traçados destas vias secundárias consoante as tecnologias geoespaciais, *Least Cost Path*, ainda é necessário aprofundar mais esta análise e completá-la com trabalhos de campo (escavações e prospeções) e outras análises geoespaciais (dados LiDAR) que permitem corroborar ou confirmar a hipótese em causa. Este conjunto de dados, tornam-se fundamentais para afirmar com uma maior exatidão de como se desenvolvia estes traçados e como ficaram afetados através das ações naturais e antrópicas desenvolvidas neste território ao longo do tempo.

BIBLIOGRAFIA

BAPTISTA, José (1990) – Via Prima (A Via Imperial Romana de Braga/Astorga), *Aquae Flaviae*, 3, Chaves.

BARRADAS, Lerenio (1956) – Vias romanas das regiões de Chaves a Bragança. *Revista de Guimarães*, Guimarães. 66(1-2). 1956, p.159-239.

BLANCO-ROTEA, Rebeca (2015) – *Arquitectura y paisaje. Fortificaciones de frontera en el sur de Galicia y norte de Portugal*. Vitória: Facultad de Letras da Universidad del País Vasco (Tese de Doutoramento).

BLANCO-ROTEA, Rebeca (2017) – *Arquitectura y paisaje. Aproximaciones desde la arqueología. Arqueología de la Ar*

quitectura. CSIC. 14. E051: pp. 1-49 (doi:- <http://dx.doi.org/10.3989/arq.arqt.2017.007>).

CAPELA, Martins (1995) – *Miliários do Conventus Bracaragustanus em Portugal*. Terras de Bouro: Câmara municipal de Terras de Bouro, 3ªEd, pp. 56-117.

COSTA, José (2006) – *Povoamento e organização do território na Proto-História entre as Serras do Gerês, do Barroso e da Cabreira: o caso do Baixo Rabagão*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto (Seminário de Projeto em Arqueologia). CHECK.

COSTA GARCÍA, José; FONTE, João; GAGO, Manuel (2019) – The Reassessment of the Roman Military Presence in Galicia and Northern Portugal through Digital Tools: Archaeological Diversity And Historical Problems. <https://doi.org/10.5281/zenodo.3457524>.

COSTA GARCÍA, José; FONTE, João; MENÉNDEZ BLANCO, Andrés; GONZÁLEZ ÁLVAREZ, David; GAGO MARIÑO, Manuel; BLANCO-ROTEA, Rebeca; ÁLVAREZ MARTÍNEZ, Valentín (2016) – Roman military settlements in the Northwest of the Iberian Peninsula. The contribution of historical and modern aerial photography, satellite imagery and airborne LiDAR. *AARGnews*. 52, pp. 43-51.

COSTA GARCÍA, José; GONZÁLEZ ÁLVAREZ, David; GAGO MARIÑO, Manuel; FONTE, João; GARCÍA-SÁNCHEZ, Jesús; MENÉNDEZ BLANCO, Andrés; BLANCO-ROTEA, Rebeca; ÁLVAREZ MARTÍNEZ, Valentín (2021) – Una década de investigación del colectivo RomanArmy. eu: novedades y desafíos sobre la conquista romana del noroeste ibérico. In *Actualidad de la investigación arqueológica en España III* (2020-2021). Madrid: Museo Arqueológico Nacional, pp. 153-170.

CRIADO-BOADO, Felipe (1993) – Limites y Posibilidades de la Arqueología del Paisaje. *SPAL*. Sevilha. 2, pp. 9-55.

CRIADO-BOADO, Felipe (1999) – Del Terreno al Espacio: planteamientos y perspectivas para la Arqueología del Paisaje. *CAPA*. Santiago de Compostela. 6, pp. 1-90. CHECK

CRUZ, Gonçalo (2018) – Northern Portugal in transition of era: From the hillforts, through the Oppida, til the Roman Integration. In FONTES, Luís, CRUZ, Gonçalo, ALVES, Mafalda, eds. – *Simpósio Internacional: Interações Culturais e Paisagens em Mudança na Europa (séc 2º a.C / 2º d.C)*. Braga: Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho, pp. 74-89. CHECK

FERNADEZ-GOTZ, Manuel (2018) – From Iron Age Oppida to Roman Cities: The Transformation of Cultural Landscapes in Europe (2nd Century BC-1st Century AD). In FONTES, Luís, CRUZ, Gonçalo, ALVES, Mafalda, eds. – *Simpósio Internacional: Interações Culturais e Paisagens em Mudança na Europa (séc 2º a.C / 2º d.C)*. Braga: Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho, pp. 23-38.

FONTE, João (2007) – Duas peças decoradas “castrejas” do Alto Do Castelo (Salto, Montalegre). In LUÍS, Luís, SANTOS,

André, eds. – *Actas do Forum Valorização do Património Regional. Vol. 3. Do Paleolítico à Contemporaneidade Estudos sobre a História da Ocupação humana em Trás os Montes, Alto Douro e Beira Interior*. Porto: Associação Cultural Desportiva e Recreativa de Freixo de Numão, pp. 62-79.

FONTE, João (2015) – *Paisagens em mudança na transição entre a Idade do Ferro e a época Romana no Alto Tâmega e Cávado*. Santiago de Compostela: Faculdade de Xeografia e História da Universidade de Santiago de Compostela (Tese de Doutoramento).

FONTES, Luís; ALVES, Mafalda (2014) – O Parque Arqueológico do Vale do Terva. Um Projecto de Paisagem Cultural. In FONTES, Luís, MARTINS, Carla, eds. – *Actas do Simpósio Internacional Paisagens Mineiras Antigas na Europa Ocidental: Investigação e Valorização Cultural*. Boticas, Câmara Municipal de Boticas: pp. 111-140.

FONTES, Luís; ALVES, Mafalda; OSÓRIO, Bruno; GUERREIRO, Maurício (2015) – Povoamento e Paisagens no Vale Superior do Rio Terva, Boticas. Projeto de Investigação Plurianual em Arqueologia (PoPaTERVA 2013-2016). Trabalhos Arqueológicos no Povoado das Batocas. Relatório 2013-2014.

GONZÁLEZ-RUIBAL, Alfredo (2006) – *Galaicos. Poder y comunidad en el Noroeste de la Península Ibérica (1200 a.C. – 50 d.C.)*. A Coruña: Museo Arqueológico e Histórico de A Coruña (Brigantium; 18).

GUIMIL-FARIÑA, Alejandro; Parcero-Oubiña, César (2015) – “Dotting the joins”: a non-reconstructive use of Least Cost Paths to approach ancient roads. The case of the Roman roads in the NW Iberian Peninsula, Vol. 54, 2015, pp. 31-44. (<https://doi.org/10.1016/j.jas.2014.11.030>)

LAURANCE, Ray (1999) – *The Roads of Roman Italy: Mobility and Cultural Change*. Londres. Taylor & Francis Group.

LEMOS, Francisco (2000) – A via romana entre *Bracara Augusta* e *Asturica Augusta*, por *Aquae Flaviae* (contributo para o seu estudo). Revista de Guimarães, 110 Jan.-Dez. 2000, pp. 15-52.

LEMOS, Francisco (2002) – *Bracara Augusta – a grande plataforma viária do Noroeste da Hispania*. Forum. Braga. 31, pp. 95-127.

LEMOS, Francisco; MARTINS, Carla (2010) – Povoamento e rede viária no território de influência de *Aquae Flaviae*. In MARTINS, Carla, ed. – *Mineração e Povoamento na Antiguidade no Alto Trás-os-Montes Ocidental*. Porto: CITCEM, pp. 81-105.

LEMOS, Francisco; MORAIS, Paula (2004) – Vias augustas e mineração aurífera. Forum. Braga. 36, pp. 15-56.

MACIEL, Sílvia (2018) – *A Paisagem na Idade do Ferro e Romanização da Citânia de Sanfins, Paços de Ferreira. Análise macro Espacial*. Braga: Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho (Dissertação de Mestrado).

MAÑANA BORRAZÁS, Patricia; BLANCO-ROTEA, Rebecca; AYÁN VILA, Xurxo (2002) – *Arqueotectura 1: Bases teórico-*

-metodológicas para una Arqueología de la Arquitectura. Santiago de Compostela: Laboratorio de Patrimonio, Paleoambiente e Paisaxe (TAPA; 25).

MARTINS, Carla (2010) – A mineração em época romana. In MARTINS, Carla, ed. – *Mineração e Povoamento na Antiguidade no Alto Trás-os-Montes Ocidental*. Porto: CITCEM, pp. 107-120.

MARTINS, Manuela (1990) – *O povoamento Proto-Histórico e a Romanização da bacia do curso médio do Cávado*. Braga: Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho (Cadernos de Arqueologia, Monografias; 5).

MARTINS, M.; CARVALHO, Helena (2017) – A fundação de Bracara Augusta no contexto da política de Augusto. Urbanismo e povoamento rural. *Gerión*. Madrid. 35, pp. 723-743.

MARTINS, Manuela; LEMOS, Francisco; PÉREZ LOSADA, Fermín (2005) – O povoamento romano no território dos galaicos bracarenses. In FERNÁNDEZ OCHOA, Carmen, GARCÍA DÍAZ, Paloma, eds. – *Unidad y Diversidad en el Arco Atlántico*. Oxford, BAR Publishing (BAR Series; 1371), pp. 279-296.

MENÉNDEZ BLANCO, Andrés; GONZÁLEZ ÁLVAREZ, David; ÁLVAREZ MARTÍNEZ, Valentín; JIMÉNEZ CHAPARRO, Jesús (2013) – Propuestas de prospección de bajo coste para la detección de campamentos romanos de campaña. El área occidental de la Cordillera Cantábrica como caso de estudio. *Munibe*. San Sebastián. 64: pp. 175-197.

OSÓRIO, Bruno (2018) – The Construction of the Terva Valley Cultural landscape between the 2nd century B.C. and 2nd century A.C. In FONTES, Luís, CRUZ, Gonçalo, ALVES, Mafalda, eds. – *Simpósio Internacional: Interações Culturais e Paisagens em Mudança na Europa (séc 2^o a.C / 2^o d.C.)*. Braga: Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho, pp. 127-142.

PARCERO-OUBIÑA, César (2000) – *La Construcción del Paisaje Social en la Edad del Hierro del NW Iberico*. Santiago de Compostela: Facultad de Geografía e Historia de la Universidad de Santiago de Compostela (Tese de Doutoramento).

PARCERO-OUBIÑA, César (2002) – *La construcción del paisaje social en la Edad del Hierro del Noroeste Ibérico*. Ortiq ueira: Fundación F. M. Orteg alia.

PAU DE SOTO, Canamares (2010) – *Transportaion costs in NW Hispania*. In. The Western Roman Atlantic Façade: a study of economy and trade in the Mar Exterior. British Archaeologia Reports.

UPIANUS. JUSTINIANUS – *Digesto*, livros 41-50. Alan Watson (trad.) – The digest of Justinian. Vol. 4 (1985). Philadelphia: University of Pennsylvania Press.

RODRÍGUEZ COLMENERO, Antonio; FERRER SIERRA, Santiago; ÁLVAREZ AZORÉN, Rúben (2004) – *Miliários e outras inscrições viárias romanas do Noroeste hispânico*. Santiago de Compostela: Consello da Cultura Galega.

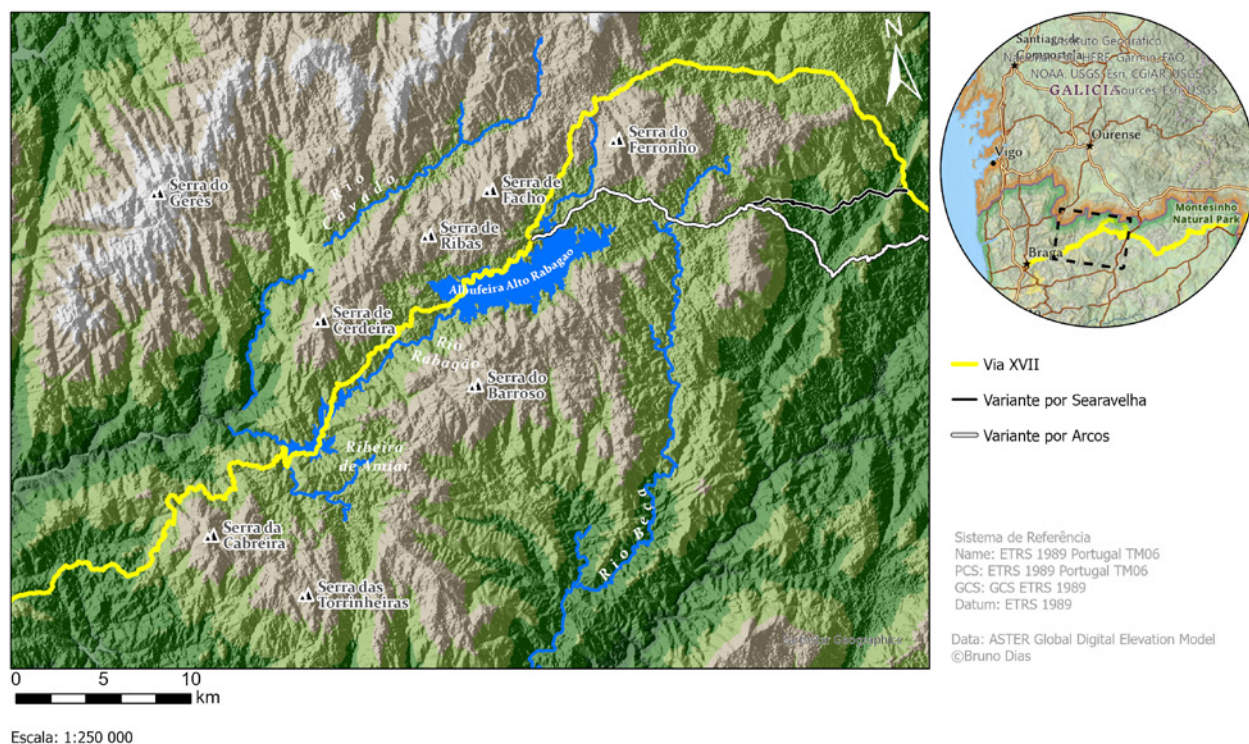


Figura 1 – Delimitação do vale do Rabagão consoante as barreiras naturais.

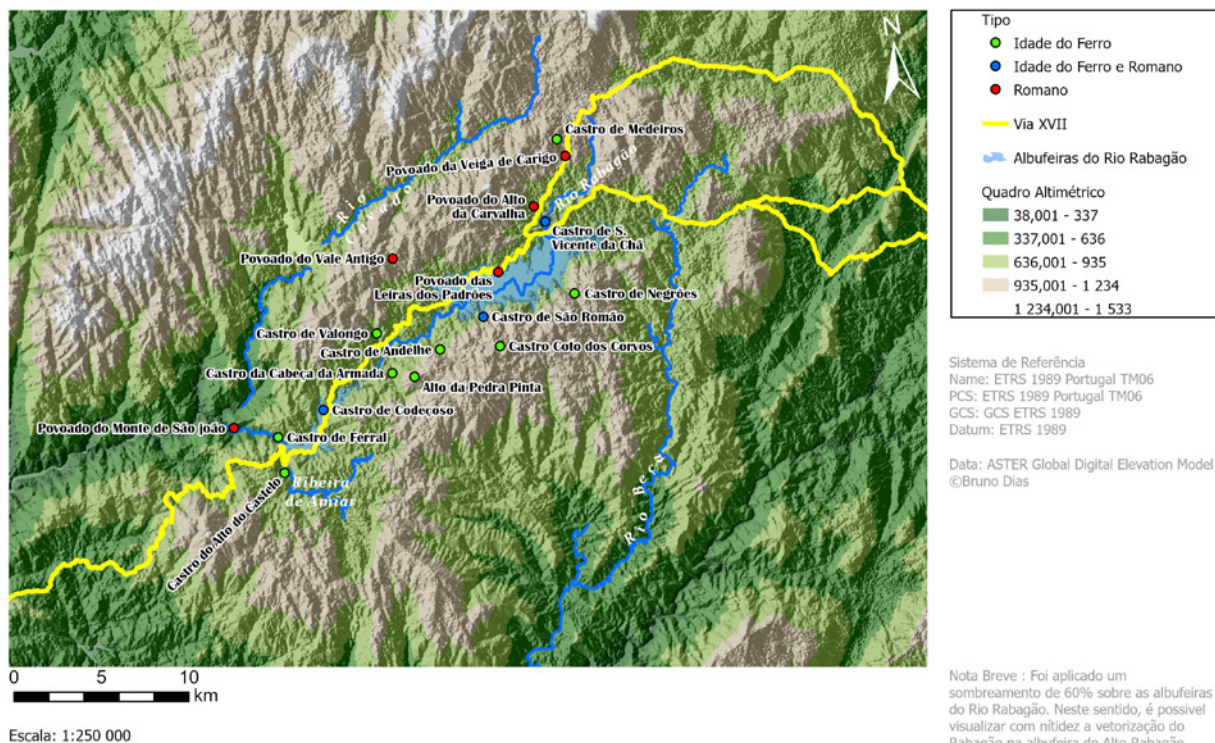


Figura 2 – Posicionamento dos povoados nas imediações da via XVII e do rio Rabagão.

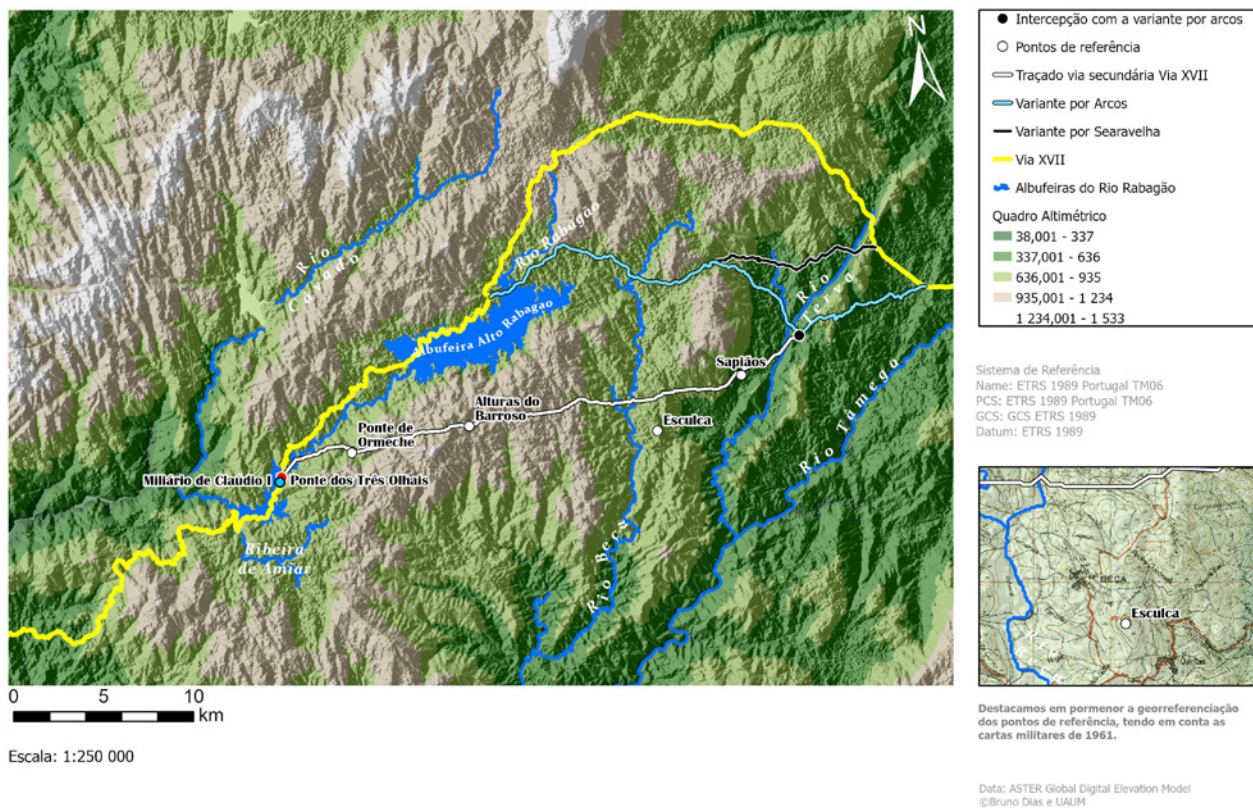


Figura 3 – Posicionamento da via secundária por Alturas do Barroso, análise de *Least Cost Path*.



Figura 4 – Vestígios da via secundária nas imediações da ponte romana de Ormeche.

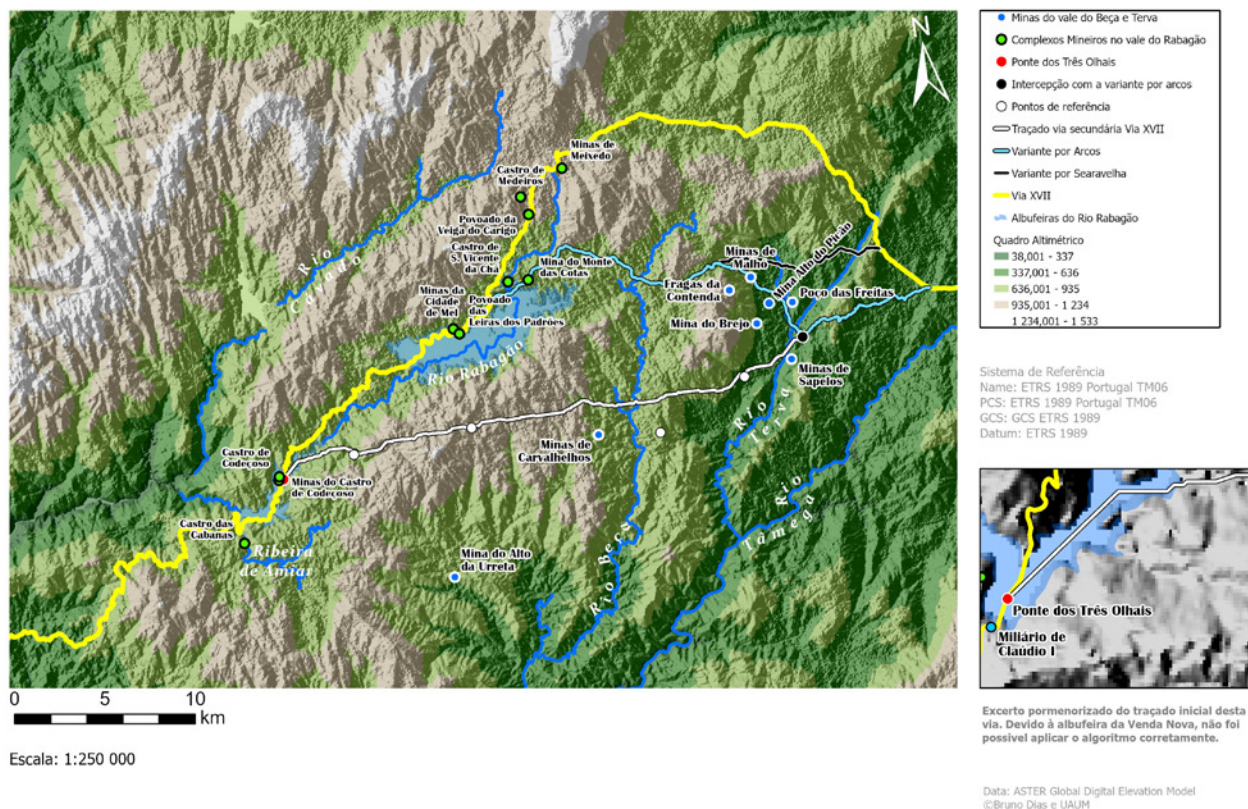


Figura 5 – Disposição das explorações mineiras nas imediações do traçado da via secundária pelas Alturas do Barroso, bem como da via XVII e as vias secundárias associadas.

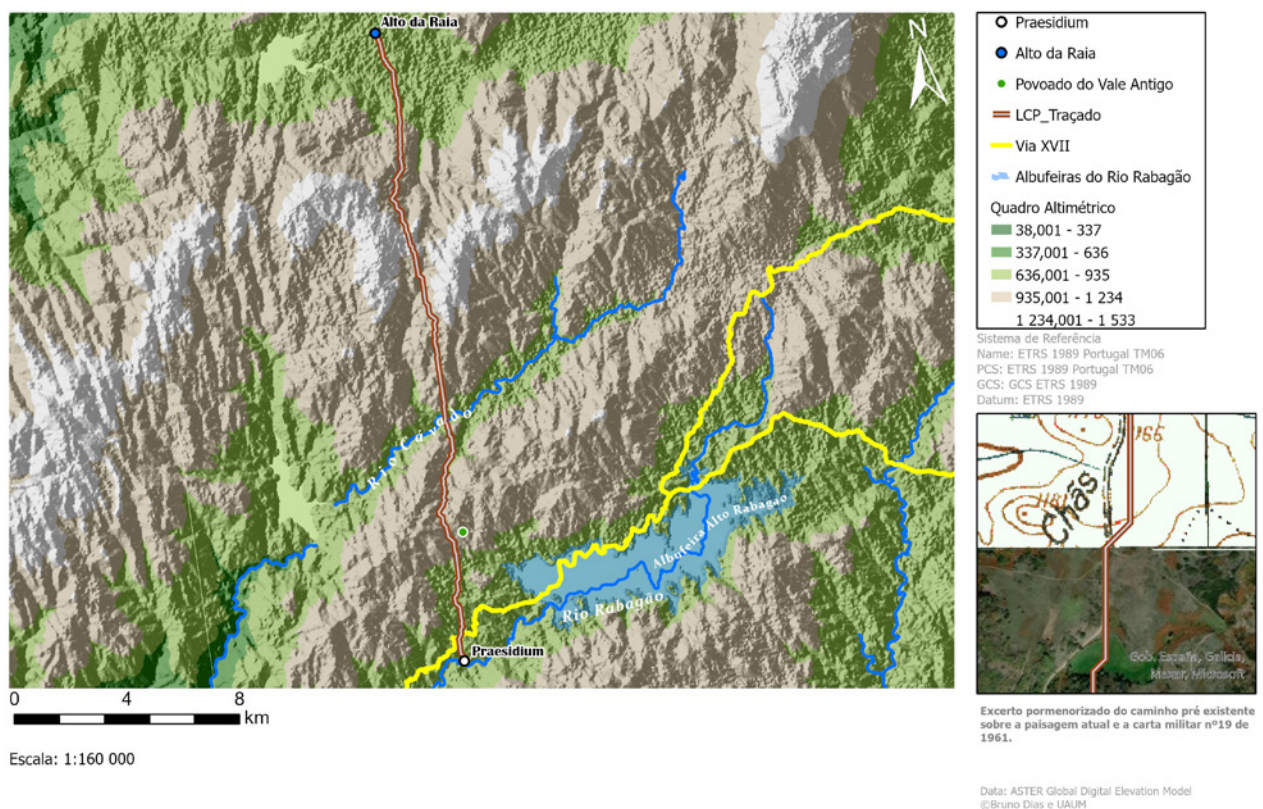


Figura 6 – Traçado através da análise LCP entre *Praesidium* e o Alto da Raia.



AAP
ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

MAC
MUSEU
ARQUEOLÓGICO
DO CARMO

 **REPÚBLICA
PORTUGUESA
CULTURA**

1 2 9 0 

FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE D
COIMBRA


INSTITUTO
ARQUEOLÓGICO
DIREÇÃO - FACULDADE DE LETRAS - UE
PALÁCIO DE SUB-RIPAS


**CENTRO DE
ESTUDOS INTERDISCIPLINARES**
CEIS30 | Universidade de Coimbra

 **Centro de Estudos
em Arqueologia,
Artes
e Ciências do Património**
UI&D 281

fct
Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia
UIDB/0046/2020

Apoio Institucional:

**PATRIMÓNIO
CULTURAL**
Departamento do Património Cultural

 **MUSEU NACIONAL
DE MACHADO DE CASTRO**

COIMBRIGA

 **seminário
maior de coimbra**